



Karl Weissmann e a psicanálise na Era Vargas: um psicanalista entre a política, a educação e a criminologia

Karl Weissmann and psychoanalysis during the Vargas Era: a psychoanalyst among politics, education and criminology

Rodrigo Afonso Nogueira Santos
Belinda Piltcher Haber Mandelbaum

Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

No presente artigo, temos como objetivo investigar elementos da vida e do pensamento do psicanalista austríaco Karl Weissmann, que viveu no Brasil entre 1921 e 1989. Para tanto, analisamos uma diversidade de arquivos, em especial seus próprios livros e artigos, visando discutir aspectos de seu trabalho com a psicanálise. Damos destaque para seu primeiro livro, publicado em 1937, época em que Weissmann desponta como psicanalista e intelectual de renome no país. A análise de seus textos evidencia uma leitura da psicanálise centrada no desenvolvimento da libido através das fases propostas por Freud, com um perfil de maturidade definida. Essa leitura possibilitou a Weissmann trabalhar psicanaliticamente no campo da criminologia, traçando tipos de crime a partir de transtornos no desenvolvimento. Ressaltamos a compatibilidade entre seu pensamento e o ideário político da Era Vargas, sobretudo quanto às noções de família e de infância, em sua relação com a perspectiva de desenvolvimento nacional.

Palavras-chave: Karl Weissmann; história da psicanálise; educação; criminologia; Era Vargas

Abstract:

In this paper we aim to investigate some elements of the life and thoughts of Karl Weissmann, an Austrian psychoanalyst who lived in Brazil from 1921 to 1989. Therefore, we analyze a diversity of files, specially the books and papers written by Weissmann himself, aiming to discuss elements of his work on psychoanalysis. We intend to highlight his first book, published in 1937, a time in which he begins to be known as an important psychoanalyst and intellectual. The analysis of his texts shows a psychoanalytical perspective focused in the development of the libido through the phases proposed by Freud, with a defined maturity profile. This perspective allowed Weissmann to make contributions to the field of Criminology, relating types of crimes to some developmental disorders. Finally, we stress the compatibility between his thoughts and the political ideas of the period, mainly concerning the notions of family and childhood, in relation to the perspective of national development.

Keywords: Karl Weissmann; history of psychoanalysis; education; criminology; Vargas Era

Introdução

O presente trabalho se constitui a partir de uma pesquisa atualmente em curso, que envolve o campo da história da psicanálise no Brasil. Ao longo dessa pesquisa, temos investigado elementos da vida e da obra do psicanalista austríaco Karl



Weissmann (1910-1989), que viveu e trabalhou no país entre os anos 20 e 80 do século XX. Weissmann mudou-se com a família para o Brasil aos onze anos e entrou em contato ainda jovem com elementos da psicanálise, tendo estudado com Gastão Pereira da Silva no começo dos anos 1930. Nesse mesmo período, passou a morar em Belo Horizonte, onde foi rapidamente alçado à intelectualidade local. Já nos primeiros anos de sua produção escrita, ele passou a ser considerado referência em discussões que atravessavam diversos campos, da educação à criminologia e a hipnose, tendo a psicanálise como principal base de seu pensamento¹.

Apesar desse seu lugar na intelectualidade mineira e mesmo brasileira, com a publicação de diversos livros e artigos em revistas de grande circulação - e alguma troca de correspondências com Freud! -, constatamos que o nome de Karl Weissmann é atualmente pouco conhecido nos estudos ligados à história da psicanálise no país. Por estes motivos, dado o seu papel na divulgação da Psicanálise, reconhecemos a importância de investigar os modos pelos quais ele a leu e praticou, bem como as articulações que estabeleceu entre a psicanálise e outros campos do saber, ou mesmo a construção de seus posicionamentos políticos diante dos acontecimentos que atravessaram seu percurso no Brasil².

Nossa pesquisa parte do reconhecimento de que a psicanálise, a despeito de se propor como um saber que se estende a todos os seres humanos, sempre situados no campo da cultura e da linguagem, possui um desenvolvimento sempre também atravessado por questões locais, nos lugares em que é introduzida. Isso porque os elementos políticos, artísticos, religiosos e culturais de cada região não deixam de definir as questões que serão colocadas para aqueles que se definem como psicanalistas (Roudinesco, 1995; Oliveira, 2006; Mezan, 2015). Partindo daí é que se justifica a investigação, que visa tensionar o pensamento de Weissmann com as coordenadas históricas que atravessaram seu trabalho. É deste lugar, também, que podemos marcar as especificidades de determinada forma de ler e pensar a psicanálise, reconhecendo que o pensamento de um autor não pode ser descolado das condições históricas que marcaram seu percurso.

Neste artigo, investigamos especificamente a articulação estabelecida por Karl Weissmann entre psicanálise, educação e criminologia, juntamente com os debates, as propostas de intervenção e efeitos políticos decorrentes dessa encruzilhada. Sabemos que, dessa articulação, Weissmann extraiu uma série de discussões a partir

¹ Discutimos abaixo como se deu o primeiro contato de Weissmann com a psicanálise, com destaque para sua relação com Gastão Pereira da Silva. Por termos detalhado, em outro artigo, a forma como essa relação se deu, não aprofundaremos a discussão aqui. Para mais, ver Santos e Mandelbaum (2017).

² Este artigo é derivado da pesquisa de doutoramento *Um psicanalista para os seus tempos: Karl Weissmann e as ditaduras de Estado no Brasil*, realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Belinda Mandelbaum.



das quais seu nome se tornou reconhecido e, inclusive, o conduziu à contratação como *psicanalista* de uma penitenciária mineira, em 1953, primeira contratação do gênero no país³.

Reconhecemos, aqui, a importância de se tomar como base das nossas discussões a palavra escrita por ele. Isso nos orienta tanto para seus livros quanto para os artigos que Weissmann publicou em diversas revistas e jornais, especializados ou voltados para o grande público, tomados como fontes primárias de nossa investigação. Neste artigo, nosso principal foco recairá na discussão de seu primeiro livro, publicado em 1937, *O dinheiro na vida erótica*, por reconhecer nesse trabalho tanto os primeiros passos do autor no caminho pela psicanálise quanto os efeitos do período histórico brasileiro, durante a Era Vargas. E trabalharemos também com diversas de suas publicações posteriores, com destaque para os textos presentes no livro *Psicanálise: ensaios e experiências* (Weissmann, 1937), bem como os artigos *A base anal da criminalidade* (Weissmann, 1952) e *Nossos delinquentes são quase todos homens pacatos* (Weissmann, 1953, 19 de abril).

Desse modo, buscamos contribuir tanto com elementos relacionados ao campo da história da psicanálise no Brasil a partir da investigação de elementos do trabalho de um importante personagem até aqui negligenciado, quanto com a extração dos efeitos políticos que uma dada articulação teórica da psicanálise apresenta, em sua relação com outras disciplinas, em seus espaços de circulação. Para início de conversa, tecemos breves considerações biográficas sobre o autor, visando situá-lo em seu tempo, expondo suas origens e sua chegada ao Brasil, bem como seus primeiros contatos com a psicanálise. A partir daí, discutimos o modo como Karl Weissmann buscou a articulação entre psicanálise, educação e criminologia, visando situá-la nas discussões da época, bem como extrair os efeitos políticos de sua proposta.

Os primeiros contatos de Karl Weissmann com a psicanálise e seus horizontes de leitura

Karl Weissmann nasceu numa família judia, no dia 31 de agosto de 1910, em Viena, na Áustria. Diante das crescentes tensões políticas que ganhavam espaço na Europa, sua família decidiu seguir para a América, tendo desembarcado no Brasil em 1921. Após alguns anos morando no interior de São Paulo, a família Weissmann mudou-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1929.

Ao chegar ao Rio, o jovem Karl passa a se interessar cada vez mais por temáticas relacionadas à psicologia e à hipnose. Esse interesse o leva a entrar em

³ Conforme discutido na p. 16 do presente texto.



contato com Gastão Pereira da Silva, psicanalista brasileiro que chegou a publicar dezenas de livros sobre o tema, tendo ainda escrito novelas e romances inspirados na psicanálise. Gastão, apesar de ter participado ativamente da divulgação da psicanálise ao grande público, acaba por aparecer como um nome marginalizado pelas instituições de formação psicanalítica, justamente por não ter se filiado a nenhuma delas, denunciando o caráter elitista desses espaços institucionais (Silva, 1978; Marcondes, 2015).

A distância de Gastão das instituições oficiais nos parece ser determinante para a formação intelectual de Karl Weissmann, visto a não formação médica do jovem austríaco. Sendo Gastão alguém ligado à tradição inaugurada no Brasil por Medeiros e Albuquerque, mais do que àquelas vinculadas à Psiquiatria e às instituições oficiais de formação (Facchinetti & Castro, 2015), vemos com eles a abertura de um importante espaço de discussão e divulgação da psicanálise por meios não oficiais, espaço também ocupado por Weissmann. A respeito do contato entre os dois, Em entrevista a Jorge (1985) o próprio Gastão afirma, a respeito de Weissmann:

Foi meu aluno (...). Eu apresentei o Karl Weissmann – se não é audácia dizê-lo – a Freud. O Karl Weissmann então disse, em uma carta que está na biografia de Ernest Jones, que ficaria muito contente se continuasse os estudos de Psicanálise ao meu lado (p. 5).

Após esse contato inicial, Weissmann passou a se dedicar cada vez mais aos estudos da obra de Freud e seus colaboradores. E poucos anos após ir morar no Rio de Janeiro, ele se muda novamente de cidade, indo para Belo Horizonte em 1931, onde residiu nas três décadas seguintes. A esse respeito, Weissmann na entrevista a Jorge (1984) afirma que

ao chegar em Belo Horizonte em 1931, eu era o único cultuador da Psicanálise, ou, como dizia o crítico e ensaísta Eduardo Frieiro, 'o único vigário de Freud naquela paróquia'. O único que tinha lido Freud, tudo dele e sobre ele, no original e mais em quatro idiomas ao meu alcance (p. 166).

Já nos primeiros anos em que morou na capital mineira, Karl Weissmann foi alçado ao lugar de referência intelectual no Estado de Minas Gerais. Apresentando erudição ao falar sobre diversos assuntos, ele se fez conhecido em rádios e jornais de Belo Horizonte. É o que nos mostra a história da Rádio Inconfidência, importante veículo de comunicação em Minas Gerais, criado em 1936 e vinculado ao Governo do Estado:

A elite intelectual mineira concebia, em grande parte, a programação da rádio. Alphonsus de Guimaraens Filho, João Alphonsus, Luiz de Bessa,



Karl Weissmann, Aires da Mata Machado Filho, Moacyr de Andrade, Jorge Azevedo, Eduardo Frieiro – entre tantos e tantos outros nomes – divulgavam e difundiam o conhecimento por meio de informações literárias e históricas, que se tornavam acessíveis à grande parte da população, a quem a imprensa não alcançava (Guimaraes, 2014 p. 32).

Um ponto alto da relação de Karl Weissmann com a psicanálise, ainda quando dos seus primeiros contatos, pode ser destacado em 1937, com a publicação de seu primeiro livro, *O dinheiro na vida erótica*. Após essa publicação, Weissmann enviou uma cópia do trabalho a Freud e, para sua surpresa, recebeu em resposta uma carta do criador da psicanálise em 1938⁴.

Ao longo desse livro, que será o foco de nossas considerações, Weissmann se inspira na psicanálise para discutir elementos da vida financeira. Aqui, o que chama a nossa atenção é o modo como ele concebe a psicanálise, e como extrai dela um conjunto de reflexões que, se nesse primeiro momento tiveram como foco os fenômenos financeiros, foram também a base para a condução de discussões relacionadas à educação e à criminologia.

No livro, prefaciado por Gastão Pereira da Silva, Weissmann é apresentado por seu professor como “um bom e moderno educador, foi seduzido pela psicanálise, encontrando no novo conhecimento uma fonte segura para a verdadeira missão da pedagogia. Assim, se fez, rapidamente, vigoroso psicanalista” (Silva, 1937, p. 7). Weissmann (1937) define o objetivo desse trabalho da seguinte forma:

Sendo a psychoanalyse a sciencia do inconsciente, ou melhor a exploração do mesmo, lancemos mão de seus elementos precisos, afim de sondarmos os meandros da alma (...) Busquemos, pois, o fundo sexual das cogitações econômicas; em outros termos, estudemos a psychologia das tendências mercantis dos nossos dias à luz da psychoanalyse, sciencia que, conforme o leitor já deve saber, interpreta tudo em um sentido genérico (p. 36).⁵

Diante de tal exposição, cabe-nos perguntar, primeiro, a respeito de como Weissmann concebia a psicanálise. Sendo ela, em sua concepção, uma ferramenta que abria o caminho para interpretações de uma ampla gama de fenômenos, faz-se fundamental conhecer como se estruturava para ele essa chave de leitura.

A esse respeito, vemos Weissmann (1937) afirmar o estatuto primordial do desenvolvimento da vida psicosssexual dos sujeitos, tendo na infância as suas principais marcas:

⁴ Por fugir ao escopo do presente trabalho, não discutiremos o conteúdo das correspondências. Tal discussão pode ser encontrada em Santos e Mandelbaum (2017).

⁵ Sendo fiéis ao texto tal como foi escrito, iremos manter a grafia conforme o original.



retornamos à psychoanalyse que consiste na exploração do primeiro período infantil – o florescimento da vida sexual (...). Entre os conceitos mais vigorosos da doutrina de Freud, figura a teoria da sexualidade infantil, o cavalo de batalha dos tartufos que ainda hoje opõem resistências obstinadas às verdades dessa natureza (p. 51).

Desse horizonte conceitual, Weissmann (1937) destaca duas fases que, segundo ele, seriam os pilares do pensamento freudiano: a fase oral e a fase anal. Na primeira delas, o autor lê a necessidade de se oferecer chupetas para as crianças, propondo também a explicação para o alcoolismo e o tabagismo como “um prolongamento, ou substituto da chupeta infantil; o indivíduo, portanto, para me exprimir em linguagem mais clara, mama o charuto” (p. 52). Já quanto à segunda fase, Weissmann (1937) é ainda mais taxativo ao considerar o interesse da criança pelos seus excrementos, quando afirma que

a retenção dos dejetos intestinaes afigura-se-lhe como a conservação de um tesouro (propriedade), a sua expulsão, um dom da criação, prodigalidade ou mesmo fertilidade. Donde no inconsciente a idéia do tesouro ou seja, do ouro, se prender ao conceito dessa posse na infância (p. 52).

Dessa reflexão, ele conclui que “são, precisamente, os efeitos das primeiras impressões vitais, os responsáveis pelas neuroses e perversões ulteriores” (Weissmann, 1937, p. 101).

Após esse período, marcado pelas primeiras impressões vitais, chamado de pré-genital, chegaria o período de latência e, posteriormente, o momento da genitalidade, radicalmente atravessada no entanto pelas marcas dos períodos infantis anteriores. O período genital seria o equivalente à maturidade. Como aponta Gastão Pereira da Silva - que introduz e discute os principais elementos do trabalho no prefácio do livro -, este período seria referente ao “que chama ‘primado da zona genital’, no qual a sexualidade, primitivamente difusa, orienta-se para a finalidade realizadora da procriação” (Weissmann, 1937, p. XIX).

Dos trechos acima, podemos constatar que a leitura da psicanálise feita por Karl Weissmann, consoante com a teoria freudiana exposta nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1996), se sustentava em certa noção de desenvolvimento infantil centrado em um caminho marcado por fases distintas, a partir das quais se poderia pensar uma ampla gama de fenômenos neuróticos. Dentre eles, o que é tomado como centro do livro se refere à dimensão financeira, de modo que Weissmann chega a destacar a “crescente influencia do conceito monetário na constituição erótica do homem, que aproxima o *homo-economicus* do *homo-sexualis*, que pensa, ama e aprecia todas as coisas monetariamente” (Weissmann, 1937, p. 69).



Esta é a tônica do trabalho em questão: gravitar em torno de uma perspectiva desenvolvimentista da psicanálise, marcada por fases claras que deixariam efeitos saudáveis ou patológicos no adulto. A vida adulta, por sua vez, seria necessariamente caracterizada pela genitalidade, definida como resultado de um desenvolvimento normal. Mais do que isso, a genitalidade tem um perfil claro no pensamento de Weissmann. Conforme mostraremos, a genitalidade, considerada ponto de chegada desejável de todo o desenvolvimento da libido, seria a amarração de três eixos fundamentais: ela é marcadamente masculina, heterossexual e abastada.

A predominância desse modelo ideal em sua dimensão masculina é patente em diversos momentos do trabalho. Serve como exemplo a discussão feita por Weissmann a partir de um caso narrado, segundo o qual um adolescente teria ido para a cama com uma mulher muito mais rica e cinquenta anos mais velha visando, de acordo com o autor, desafiar a mulher e sua classe social com a "supremacia de seu sexo. Sua attitude correspondia ao que em psychoanalyse se chama: protesto viril" (Weissmann, 1937, pp. 105-106).

Ainda para ilustrar como esse ideal masculino se faz presente em seu pensamento, trazemos aqui elementos tirados de outros trabalhos seus, nos quais Weissmann (1937) aponta para o papel do homem como aquele que deveria se sustentar nas relações dinheiro/virilidade/força. Para ele, a mulher deveria se contentar com o lugar de "bello sexo" (p. 111), quase uma coadjuvante da vida masculina, situada na oposição "mulher da sociedade (...) mulher pública" (p. 108). Com essas coordenadas, Weissmann (1967) define da seguinte forma as mulheres ricas, bem como o interesse que alguns nutrem por elas:

o fascínio da mulher rica costuma corresponder a uma disposição homossexual passiva latente por parte dos homens fascinados. (...) A mulher [que] tira o dinheiro do homem para cortar-lhe a força, para castrá-lo e se lhe oferece a sua ajuda monetária, o faz, frequentemente, para inverter os respectivos papéis masculino-feminino (pp. 80-81).

Já o lugar da disposição heterossexual como horizonte de normalidade é ainda mais clara no pensamento de Weissmann (1937). Sempre concebendo a genitalidade como a fase desejável de ser alcançada, na qual a reprodução é o horizonte, o indivíduo deveria ser educado para passar pelas fases anteriores da forma que ele define como saudável ou normal: "É que nos casos normaes, taes interesses e instinctos esterquilineos da propriedade mesquinha, vão se sublimando, e os interesses presos aos interesses infantis, transferem e adaptam-se a uma nova ordem de cousas" (p. 72). O prolongamento ou a fixação nas fases da primeira infância seriam responsáveis, segundo o autor, por disposições consideradas patológicas ou pouco desejáveis, como é o caso dos homossexuais – definidos por ele como



invertidos -, presos ao que Weissmann (1937) chama de componentes neuróticos anais:

Para o invertido a idéia do dinheiro se prende aos componentes neuróticos anais, associando-se mais directamente com o conceito primitivo de massa fecal, prova é, o prazer erótico que tais indivíduos experimentam na retenção ou expulsão das fezes. Não quer isto dizer que, o anal-erótico ignore o simbolismo alheio. Prova isto, sua prodigalidade para com indivíduos que promettem uma eventual compensação de sua amizade homo-sexual. Cito a propósito o caso de um invertido que, apesar de sua avareza proverbial, pagava generosamente os que se dispunham a satisfazer-lhe seus furores eróticos (p. 73).

A outra característica dessa maturidade, definida por Karl Weissmann (1937) como horizonte de normalidade, é a que se refere à dimensão financeira propriamente dita, largamente discutida em seu livro. Sempre definindo como constante, em homens de poucas posses financeiras, um sentimento de inferioridade, Weissmann tece curiosas considerações acerca da relação que o par níquel-cédula teria para a vida de cada um. Para ele, o gosto por moedas indicaria uma clara fixação erótica anal, ao passo que "a cédula, entretanto, parece lisonjear e estimular a exaltação dos sentimentos viris, pois, lembra as possibilidades genésicas e o prestígio social" (p. 92). Nessa direção, ele afirma:

quem ainda não observou uma particular amoralidade e indiscrição do níquel? Sua pequenez costuma frequentemente incomodar indivíduos habituados a lidar com o dinheiro de verdade. Adiantemos que é o meio circulante dos pobres, o pão e a alegria dos miseráveis, a esmola do mendigo, a gorjeta do garçom. Toda essa mesquinhez bastaria para deprimir o sentimento ativo da personalidade (Weissmann, 1937, p. 91).

Marcando o níquel, e sua *pequenez*, como um claro indicador de tendências anais, Weissmann o opõe à cédula, este sendo o *dinheiro de verdade*, que indicaria sentimentos ativos e viris da personalidade. Dessa forma, homens de poucas posses financeiras – descritos por ele como pobres, miseráveis, mendigos, ou mesmo trabalhadores menos abastados, como garçons – estariam condenados à satisfação infantil, ao passo que pessoas com poder aquisitivo poderiam obter satisfações relacionadas à vida adulta:

é que o níquel constitui um elemento inseparável aos interesses, dedicações e alegrias infantis. As cédulas materializam as aspirações do adulto. Nas fantasias eróticas do inconsciente, o níquel simboliza mais o produto do esforço infantil – sua única obra: Fezes. A cédula mais um esforço do adulto: Esperma. Partindo deste ponto de vista,



compreendemos porque o nickel deprime e a cédula exalta o sentimento de virilidade nos casos normaes (Weissmann, 1937, pp. 94-95).

Este elemento da maturidade seria determinante para Karl Weissmann: o gosto por dinheiro em cédulas, com valores mais elevados que os encontrados nas moedas, exaltaria o que ele chama de sentimentos viris e altivos da personalidade adulta. Nessa direção, ele chega a afirmar que “uma moeda, cahindo do bolso encabula, ao passo que a cédula, muito pelo contrario, exalta o sentimento da personalidade” (p. 94).

Diante de tais considerações, podemos vislumbrar em Weissmann um modelo ideal, que emerge como horizonte normativo a ser alcançado no curso do desenvolvimento infantil. Diante deste modelo ideal de maturidade – masculino, heterossexual e abastado -, uma ampla gama de indivíduos apresentariam componentes anais, que marcariam a sua conduta de forma que Weissmann considerava negativa: homossexuais; homens que se interessam por mulheres ricas, bem como mulheres que se negam ao lugar definido como feminino; ou mesmo homens de poucas posses financeiras, que mantivessem interesse por moedas, e não por dinheiro em cédula.

Weissmann (1937) ainda vai além, articulando diversas *tendências anais* entre si, e chega a citar um método para descobrir *inclinações homossexuais* em homens, pelo uso de moedas. A título de exemplo, traz o caso de um militar que, tendo se abaixado para buscar uma moeda no chão diante de seus colegas, teria supostamente deixado clara a sua orientação sexual, em uma situação que não deixa de ser carregada de grande violência sexual:

O humilde homenzinho, taxado de inclinações de natureza homossexual, mesquinho e avaro, sahiu da fileira, agachou-se para apanhar o dinheiro, cujo valor, mesmo para elle nada representava. Immediatamente, os companheiros precipitaram-se sobre a sua pessoa, dando-lhe palmadas no traseiro que foi por eles desnudo, e chegaram até, ao ponto de praticarem obscenidades mais concretas, afim de lhe satisfazer os prováveis furores. Segundo informações colhidas, este processo psychologico em se utilizando da moeda para descobrir tendências que compromettam a dignidade do sexo masculino, é bastante em voga entre militares de certas regiões (Weissmann, 1937, p. 98).

Por fim, além da existência deste modelo ideal de maturidade, podemos reconhecer nessa leitura uma radical psicologização da alma humana. Nela são desconsideradas, por exemplo, toda a história e a dinâmica dos sistemas econômicos, para se ler no fenômeno financeiro uma extensão das fases destacadas por



Weissmann no desenvolvimento infantil. Essa concepção acaba por deixar de lado a dimensão fundamental da relação entre o sujeito e a sociedade na qual ele habita e se constitui, tão enfatizada pelo próprio Freud em diversos de seus trabalhos, a exemplo de *Psicologia de grupo e análise do ego* (Freud, 1922/1996), ou *Mal-estar na civilização* (Freud, 1929/1996). E podemos observar que essa perspectiva individualizante e desenvolvimentista, para além do surpreendente *O dinheiro na vida erótica*, se mantém constante ao longo de sua obra. Assim, se nesse momento ele se propunha a focar o estudo dos fenômenos monetários, esta mesma chave de leitura, posteriormente, o conduziu a diversas investigações sobre o espírito humano, relacionadas à clínica ou ao campo da criminologia.

Em que essa obra pode ser pensada como contribuição original, e como podemos reconhecer em sua perspectiva as marcas da época na qual Weissmann se situava? Tal pergunta nos conduz à situação da psicanálise nos anos 1930, década de intensas modificações na forma como Freud foi lido e discutido no Brasil.

Karl Weissmann e a psicanálise no Brasil dos anos 1930: um saber situado na encruzilhada entre política e educação infantil

A década de 1930 é considerada, no campo da história da psicanálise no Brasil, como uma época de transformações marcantes na forma como Freud era lido, pensado e praticado no país. Isso porque, se no período anterior, a psicanálise circulava entre meios modernistas e psiquiátricos como um discurso sobre a sexualidade inscrito no debate sobre a identidade nacional⁶, com o golpe de Estado operado por Getúlio Vargas em 1930, os caminhos pelos quais o saber psicanalítico passou foram diversos de até então. A ruptura política no país impôs a adoção de novas estratégias àqueles que se dispunham a praticar a psicanálise.

De modo geral, podemos assinalar que essa torção política foi marcada por uma radicalização das ideologias de direita e esquerda e, tal como na Europa, venceram os que sustentavam uma política de extrema-direita e autoritária, marca da *Era Vargas* (Facchinetti & Ponte, 2003). Oliveira (2012) afirma que “a política e a sociedade no Brasil durante os anos 30 foram guiados por valores morais conservadores, unidos a um forte investimento emocional na ideia de uma terra natal e de patriotismo” (p. 114).

Tais referências políticas trouxeram como consequência um intenso investimento na noção de família e de desenvolvimento nacional, tendo como solo comum o espaço da infância, vista como a garantia de um futuro para o país. Nesse momento há

⁶ Cf. Nunes (1988) e Oliveira (2002, 2006).



também uma reaproximação entre o Estado e a Igreja realizada a partir de diversas iniciativas políticas - como o retorno da possibilidade de ensino religioso nas escolas em 1931 -, o que certamente contribuiu para fortalecer o investimento no campo familiar como célula fundamental do país (Vilhena, 1992). A valorização da família enquanto figura chave do projeto político pode ser ilustrada com o artigo 144 da Constituição de 1934, que determina que “a família, constituída pelo casamento indissolúvel, está sob a proteção especial do estado” (Brasil, 1934). No interior dessas coordenadas, é importante compreender o papel politicamente definido para o homem e para a mulher, no que seria esse projeto de família.

Uma das marcas que definiram a família, durante os anos 1930, foi a radicalização da ideia de desenvolvimento nacional. Ao longo dessa década, o investimento na esfera do trabalho e da produção se tornaram elementos fundamentais, considerados como condições de dignificação e integração do sujeito à sociedade. Nesse quadro, o lugar do homem era, em larga escala, associado à produção de riquezas, visto como “cidadão/trabalhador, responsável por sua riqueza individual e também pela riqueza do conjunto da nação” (Gomes, 1999, p. 55).

Quanto à mulher, o lugar de responsável pela casa e pelo cuidado com as crianças ganhou novos contornos, tendo em vista que a questão materno-infantil passa a ser responsabilidade do Estado (Marinho, 2017). Do feminino, “esperava-se o sentimento de que o seu maior dever é a consagração ao lar e o bom desempenho de seu papel de mãe e dona-de-casa (Bomeny, 1999, p. 151). A esse respeito, tanto os ministros de Vargas quanto a Igreja reconheciam o trabalho da mulher fora do lar como um dos fatores de desintegração da família, logo, algo perigoso para o projeto político da época. A elas caberia, no máximo, e por instrução da Igreja, o trabalho social junto aos meios operários, de modo a “aí levar a doutrina e a moral cristã, como antídoto à proliferação das ideias socialistas e comunistas” (Vilhena, 1992, p. 54).

Toda essa construção política em torno do trabalho honesto e da família não deixa dúvidas quanto aos lugares dos homens e das mulheres: a eles, o espaço de pai, chefe e provedor da família, sendo o responsável por fornecer boas condições morais e materiais para a prole; a elas, o espaço da família, cabendo à mulher o lugar de dona-de-casa e mãe, responsável pelos cuidados dos filhos.

Diante dessas coordenadas, o Estado eleva a pedagogia ao lugar de uma “ciência toda poderosa, motriz da ordem e da desordem na sociedade civil” (Almeida, 1998, p. 3), visto que ela passou a se constituir como uma ferramenta de suma importância no interior desse projeto nacional. Aliada à educação familiar, e responsável pelo desenvolvimento das ideias fundamentais ao país, a ciência pedagógica passa a ocupar um espaço distinto a partir dos anos 1930, de modo que família e pedagogia



se tornam o par fundamental deste projeto político, verdadeiros pilares da educação brasileira da época. A esse respeito, Vilhena (1992) afirma que

À medida que a família é concebida como base do edifício social, a educação ocupa um lugar estratégico porque representa o instrumento com o qual se poderá formar o tipo de homem que melhor corresponda às exigências de uma ordem social que está sendo reformulada. Esta nova ordem social era reivindicada em nome dos princípios da ordem, hierarquia, disciplina, respeito à família e às instituições, cumprimento dos deveres cívicos e amor à pátria forte e coesa (p. 47).

Os principais impactos da política, na *Era Vargas*, sobre a forma de se ler a psicanálise, referem-se justamente às discussões relacionadas à educação. Se, anteriormente, os leitores de Freud partiam de uma leitura pansexualista⁷, inscrita no amplo debate sobre a identidade nacional – a exemplo do movimento modernista (Facchinetti & Ponte, 2003; Oliveira, 2006; Dunker, 2015) –, a partir de então eles se viram impossibilitados de sustentar tais discussões, visto o recrudescimento dos valores morais e das declaradas defesas da família e da pureza da infância (Pereira, 1999). Nessas condições, operou-se uma torção na forma de se ler Freud: “tal como muitos intelectuais brasileiros de diferentes convicções políticas, psicanalistas viram a oportunidade de sua própria disciplina ocupar o espaço, e não hesitaram em seguir essa agenda para seus próprios fins” (Oliveira, 2012, p. 115).

Diante desse quadro, destacamos a mudança de estratégia nos debates envolvendo a psicanálise, que passou a trilhar caminhos distintos, mais voltados ao campo educacional. A partir de então, a psicanálise se distancia de movimentos artísticos para se constituir como um saber capaz de intervir sobre a criança, visando um desenvolvimento infantil em consonância com o projeto político da época. A esse respeito, Oliveira (2002) nos lembra o seguinte:

Para que a psicanálise pudesse se implantar, sobretudo em São Paulo, foi preciso antes vesti-la de pansexualista em versão local, higienista de base educativa, para em seguida, tempos de moralização exigem, desvesti-la, e finalmente revesti-la, agora com conhecimentos e técnicas capazes de “prevenir”, “combater” e “curar” as anomalias que impedem a adaptação da criança ao seu meio social (p. 152).

Essa mudança de estratégia pode ser sentida, inclusive, em níveis institucionais. É o caso das Clínicas de eufrenia e ortofrenia, que passaram a funcionar em São Paulo e no Rio de Janeiro, e da Sociedade Pestalozzi, de Belo Horizonte, todas inauguradas na década de 1930. Em tais dispositivos, elementos da psicanálise se

⁷ Leitura da psicanálise difundida no Brasil, quando de sua chegada no país. Inspirada na França, onde era vista com ressalva, essa leitura se constitui como uma das principais forças para a difusão inicial do freudismo no Brasil (Oliveira, 2002).



fizeram presentes, ainda sob a tônica sexual, mas como ferramentas pedagógicas específicas. Noções como sublimação ou desenvolvimento da libido passam a ser lidas como ferramentas que poderiam operar sobre desvios neuróticos ou problemas de adaptação da criança ao meio escolar. Essa mudança de estratégia dos psicanalistas da época conduziu o saber psicanalítico para novos espaços (Oliveira, 2006; Santos, 2016).

Com essa perspectiva em mente, podemos retomar nossa pergunta, sobre a leitura da psicanálise feita por Karl Weissmann à época. Afinal de contas, em que consiste a sua originalidade, dadas as formas pelas quais Freud era lido e pensado no Brasil dos anos 1930? Ou ainda, quais relações podem ser traçadas entre seu pensamento e o ideário político da época, diante do qual os psicanalistas adotaram estratégias específicas? Três caminhos se mostram fecundos para responder a essa pergunta: as possibilidades de inserção da psicanálise no projeto político nacional, sobretudo quando relacionado à pedagogia, na condição de ferramenta de adaptação e tratamento dos desvios neuróticos; a forma como Weissmann lia a sexualidade na psicanálise; e as aproximações entre o ideal de maturidade traçado por ele e a própria estrutura hegemônica pensada para a família, no período.

Com efeito, o primeiro desses caminhos pode ser dito pelo próprio Weissmann (1937):

Voltemos summariamente á segunda pergunta: é útil a contribuição da psychoanalyse na prophylaxia social? Si jorrar luz, como foi assas provado, sobre a miséria humana, ella é, evidentemente, útil, e consitue um meio de saneamento social, no sentido mais extenso dessa palavra (p. 45).

Weissmann afirma de maneira taxativa que a psicanálise “favorece a harmonização da vida psychica com o ambiente social” (Weissmann, 1937, p. 44). A esse respeito, ele chega a tecer considerações sobre a importância da noção de sublimação como ferramenta para se pensar um desenvolvimento infantil saudável: “A tendência infantil de reter os dejectos intestinaes, não se tendo sublimado devidamente, domina todo aparelho psychico-dynamico, produzindo reflexos physiologicos nos órgãos que regem as funcções do tudo digestivo” (Weissmann, 1937, p. 64).

E os efeitos decorrentes de uma má educação sobre os adultos seriam claros para ele: “Na maioria das vezes, physica ou mentalmente inferiores, são de uma conducta pueril, ou teimosa, constituindo um verdadeiro prolongamento das tendências infantis, oriundas de mimos exagerados, e outras vezes uma falta evidente de correção de sentido” (Weissmann, 1937, p. 63). Nesse caminho, a educação deveria ser o dispositivo que tornaria possível sublimar e conduzir a criança a



caminhos saudáveis e bem adaptados ao meio social, sendo a psicanálise uma ferramenta de grande importância nesse trabalho.

Diante disso, podemos reconhecer em Karl Weissmann o projeto de tornar a psicanálise uma disciplina a serviço da civilização, com propostas de *saneamento social*. Tal postura se mantém em íntima consonância com o que vinha sendo discutido no país em termos de psicanálise, bem como demonstra seu alinhamento com o projeto político nacional estruturado no Brasil dos anos 1930, e podemos afirmar que ela pavimenta o primeiro caminho que destacamos.

O segundo caminho que vale discutir, relacionado à possível compatibilidade entre o pensamento de Weissmann e o horizonte político no qual ele se situava, diz respeito ao entendimento da sexualidade em psicanálise. Como vimos, as décadas que antecederam trouxeram a tônica de pensar e discutir a psicanálise como um saber inscrito nas discussões sobre a identidade nacional, a ser utilizado como uma ferramenta de interpretação do país, que poderia ser utilizado em larga escala no campo social. A partir dos anos 1930, falar de sexualidade deveria seguir por outros caminhos, que pudessem habitar o espaço do discurso político da época.

Nesse contexto, Weissmann (1937) deixa claro sua leitura da psicanálise, quanto à dimensão da sexualidade:

Não podemos, destarte, atender a vida sexual sem considerar o indivíduo em conjunto. Ora, o que os inimigos da doutrina freudiana fazem é tomar a teoria da "libido" sob o ponto de vista unilateral. O que Freud, entretanto, assegura é que o instinto sexual torna-se, por excelência, o reflexo vivo da luta incessante contra a morte. Ele é, por isso, o principal intuito que anima o espírito. Ele anima, move, desdobra, envolve os demais instintos para ser a razão mesma dos seres vivos (p. 13).

Aliando a dimensão da sexualidade ao instinto de sobrevivência, Weissmann articula a vida sexual ao próprio desenvolvimento da criança, em sua luta contra a morte. Ora, como temos destacado, operar com a psicanálise como uma ferramenta a serviço da educação e da adaptação da criança ao meio escolar era justamente a tônica da leitura à época. A exemplo das propostas de Arthur Ramos e Durval Marcondes, podemos trazer o seguinte trecho, retirado de um trabalho escrito por Helena Antipoff, importante educadora que trabalhava em Belo Horizonte, e principal personagem da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: "Não se educam os instintos mediante a repressão: a educação tem a seu serviço processos conhecidos, sob o nome de canalizações, desvios, sublimações, objetivações, que provam melhor que os da disciplina autoritária" (Antipoff & Assumpção, 1930/2002, p. 156). Com isso, torna-se patente o papel da sexualidade na psicanálise que, aliada às práticas educacionais, seria uma ferramenta importante para o desenvolvimento infantil. O



pensamento de Karl Weissmann, no tocante à sexualidade como ferramenta psicanalítica, também se manteve em consonância com as discussões da época, em sua relação com o campo educacional.

Por fim, o terceiro caminho que reconhecemos como fecundo para examinar as possíveis compatibilidades entre o pensamento de Karl Weissmann e o projeto político do país à época, é o que se refere ao seu ideal de maturidade. Conforme já demonstramos, a maturidade, para Weissmann, apresenta características definidas, consequências de um desenvolvimento tido como normal. Tais características, que marcam a primazia do masculino, da heterossexualidade e das boas condições econômicas, podem ser vistas como encarnação do ideal de família da época.

Isso porque o ideal de família da Era Vargas sinalizaria claramente a família heterossexual burguesa tradicional. Nessa família, o homem teria o lugar de trabalhador e provedor da casa, o que na perspectiva de Weissmann se refere ao gosto por *dinheiro de verdade*, em oposição aos pobres ou amantes de moedas de baixo valor, estes condenados a meras satisfações infantis. Vemos um modelo marcadamente orientado pela referência ao masculino. E a tríade masculino/heterossexual/abastado como modelo de maturidade se encontra em alta compatibilidade com aquilo que, nos anos 1930, foi definido como modelo ideal de família.

Os desvios desse modelo ideal - que ele exemplifica com os alcoólatras, homossexuais, as mulheres financeiramente independentes, os homens que admiram e se envolvem com tais mulheres, as prostitutas (chamadas por ele de mulheres públicas), ou mesmo aqueles que fazem uso corrente de moedas, seriam irremediavelmente categorizados como neuróticos ou perversos. Tais indivíduos, sofredores de uma fase pré-genital mal resolvida, apresentariam *phenomenos pathologicos* graves, mas tratáveis "por meio de uma intervenção pyschoanalytica" (Weissmann, 1937, p. 64). Quanto ao papel do que seria uma intervenção psicanalítica, Weissmann (1937) resume o trabalho clínico da seguinte forma:

O processo psychoanalytico individual, que foge á competência do estudo presente, ordena que se cure estas neuroses, levando á tona da consciência do doente, os complexos pathogenicos que estão submersos no inconsciente, canalizar os impulsos presos em caminhos falsos para vias normaes ou finalidades creativas. Levar a tona do consciente os referidos complexos, é tarefa do psychoanalysta, bem como analysar-lhes o sentido pela interpretação dos sonhos, reações, decisões, lapsos de linguagem ou escripta (actos falhados) e, enfim, interpretal-os sucessivamente, ate que, não pesem mais sobre a alma do individuo (p. 42).



Assim, seguindo a linha encaminhada pelos leitores de Freud à época, podemos ver uma convergência de interesses entre o projeto de Karl Weissmann e o ideário político dos anos 1930, no que se refere aos três principais caminhos que destacamos anteriormente: primeiro, o projeto de pensar a psicanálise como ferramenta a serviço da civilização, sobretudo quando o assunto aponta para uma infância bem adaptada; segundo, o lugar da sexualidade no *corpus* teórico da psicanálise do período, diferentemente orientada em relação à década anterior, e pensada como um campo de interesse ao desenvolvimento infantil; e terceiro, quanto ao ideal de desenvolvimento e maturidade proposto por ele, no qual um perfil masculino e heterossexual – além do que Weissmann define como bem resolvido financeiramente – se mantém como horizonte normativo. A originalidade, reconhecida por ele no próprio livro, se mantém no fato de levar tais discussões para o nível da esfera econômica – o que não é pouca coisa.

Investigar as curiosas conclusões às quais Weissmann chega por via de sua discussão do fenômeno monetário a partir da psicanálise fogem ao escopo do presente artigo⁸. Aqui, nos interessa mais o reconhecimento de que Karl Weissmann, apesar de negligenciado pelos estudos sobre a história da psicanálise no Brasil, encontra-se em alta compatibilidade com autores nacionais que discutiam a obra de Freud à época, enveredando-se no terreno da educação. E, partindo dessa perspectiva, acompanhamos Weissmann dar um passo além, ao conduzir tais noções da psicanálise ao campo da criminologia, o que o alçou ao cargo de psicanalista de uma penitenciária em 1953, primeira contratação do gênero no país, como atesta uma publicação do jornal carioca *Correio da Manhã*, datado de 24 de março de 1953:

O prof. Karl Weissmann acaba de ser designado pelo governador do Estado, para exercer a função de psicanalista da Penitenciária Agrícola de Neves, sendo esta a primeira designação do gênero em todo o país, muito embora na Europa a assistência psicanalítica já constitua rotina há muitos anos. O prof. Karl Weissmann dedica-se há mais de 20 anos aos estudos do subconsciente, sendo conhecido além das fronteiras do Brasil (*Correio da Manhã*, 1953, 24 de março).

⁸ A título de curiosidade, lembramos que Weissmann opera com os conceitos psicanalíticos de modo a concluir que dinheiro representa potência masculina ou, em suas palavras, ele destaca “as relações estreitas entre estímulos eróticos, o conceito do vigor masculino e o sentimento dos recursos econômicos” (Weissmann, 1937, p. 36). Como exemplo, ele aponta o que seria um hábito comum de os homens carregarem o dinheiro no bolso esquerdo, pelos seguintes motivos: “Conforme no-lo mostra a estrutura anatômica do homem, órgão masculino tende normalmente, para o lado esquerdo, sendo o próprio testículo neste lado mais fundo que o direito. Por um desejo natural de querer acumular forças, conclue-se facilmente porque grande parte das pessoas habituadas a manejar tudo com a mão direita, façam uma exceção, pondo, contrario aos demais objectos, o dinheiro no bolso esquerdo, procurando assim, instintivamente, as proximidades máximas dos órgãos genitais” (p. 83).



Tal articulação não deixou de gerar novas reflexões próprias ao campo da infância, conforme veremos adiante.

Notas sobre psicanálise e criminologia em Karl Weissmann: do desenvolvimento da libido ao tratamento em penitenciária

Os anos 1930 podem ser considerados como um marco no florescimento de propostas de articulação entre a psicanálise e o fenômeno da criminalidade em diversos países do mundo, ainda que este debate já se fizesse em anos anterior⁹. Podemos assinalar, como exemplo, as propostas do juiz Carranca e Trujillo no México (Gallo, 2015), os trabalhos de Franz Alexander e Hugo Staub (1934) em Berlim, ou mesmo a tese defendida pelo psicanalista francês Jacques Lacan (1932/1987), intitulada *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade*, na qual ele discute a tentativa de homicídio no caso Aimée, ou o assassinato cometido pelas irmãs Papin. O caso brasileiro não se fez diferente. Autores como Porto-Carrero (1932), Arthur Ramos (1937) e Ribeiro (1935/2010) já apresentavam caminhos de leitura na articulação entre psicanálise e a criminologia, sobretudo em uma interlocução com a medicina forense.

Em consonância com esse novo campo que crescia com grande força no mundo ocidental, Karl Weissmann se propôs a discutir, em Minas Gerais, nesta mesma direção, relacionada à articulação entre psicanálise e criminologia. Vale destacar que os campos da educação e da infância se mantiveram como horizontes fundamentais de seu trabalho. Isso porque sua leitura da psicanálise, que via nas fases do *desenvolvimento da libido* as chaves da personalidade e base dos fenômenos humanos, marcou profundamente sua perspectiva. Assim, se vemos em *O dinheiro na vida erótica* um esboço dessa leitura, articulada ao que ele nomeou de psicologia monetário-sexual, assinalamos que seu percurso é marcado justamente por um adensamento e desenvolvimento dessas ideias. Como ele mesmo deixa claro em um de seus trabalhos posteriores, intitulado *A base anal da criminalidade* (Weissmann, 1952): “A teoria da libido, com seus estágios consecutivos e vinculamentos anatômico-fisiológicos, mostrou-se particularmente fecunda em consequência nos domínios da criminologia” (p. 28).

Levando adiante essa leitura, que demarca etapas claras quanto aos níveis pré-genitais e a genitalidade, é no nível das primeiras impressões que ele mantém o

⁹ Vale lembrar que o campo de articulação entre psicanálise e a criminologia já era objeto de investigação de diversos autores, durante as décadas anteriores, sobretudo no campo da psiquiatria forense. O que destacamos é a expansão desse campo de discussão para além dos limites das práticas médicas, visto que advogados, juízes, e demais pessoas não formadas em medicina passaram, a partir de então, a se interessar cada vez mais pelo que a psicanálise poderia dizer sobre o fenômeno da criminalidade.



fundamento de sua leitura da criminalidade. E como o próprio título do trabalho indica, há, para Weissmann, uma importância definitiva do que ele chama de fase anal para a criminologia.

Com efeito, ao longo de seus trabalhos podemos vislumbrar um certo avanço, ou uma sofisticação, no que se refere ao que ele chama de desenvolvimento da libido e suas marcas sobre a vida adulta, com relação ao texto de 1937. Se nos anos 1930, o trabalho do jovem Weissmann deixa clara a sua concepção em torno de duas fases pré-genitais, em trabalhos posteriores surge uma figura de grande importância para a psicanálise: o lugar do Édipo, referente à fase fálica. As fases pré-genitais, agora concebidas como três, seriam o que Weissmann (1967) chama de “sequencia trifásica libidinal da caracteriologia psicanalítica” (p. 72). Nessas condições, mesmo o dinheiro, lido anteriormente como em larga escala vinculado ao que Weissmann chama de fase anal, deixa de se vincular apenas a esse período: “como dom de amor o dinheiro se faz representar em todos os demais níveis da pré-genitalidade” (p. 78).

Aqui, três tipos de personalidades *imaturas* são possíveis. A primeira delas, marcada pelo que o autor chama de *oral*, teria seus conflitos derivados “do traumatismo oral oriundo da experiência do desmame. (...) A personalidade oral se compara ao indivíduo mal desmamado” (Weissmann, 1961, p. 105). Entre suas características, Weissmann destaca a precariedade de suas relações afetivas: “suas ligações afetivas têm, notoriamente, um caráter primário e arcaico. É, enfim, mais amigo do seio do que do peito” (p. 105).

O tipo que ele chama de *anal*, por sua vez, seria representado por indivíduos sistemáticos, burocráticos, demonstrando “excessivo amor ao princípio de autoridade ou pelo ódio e rebeldia sistemática contra o mesmo. Os tipos anais são ao mesmo tempo os amigos e os inconciliáveis inimigos da lei” (Weissmann, 1961, p. 106).

Por fim, ele comenta sobre o que seria a personalidade *fálica*, apresentando-a da seguinte forma:

Sabemos que na personalidade fálica se manifesta a angustia de castração no homem (e a inveja de pênis na mulher). A personalidade fálica é uma espécie de novo-rico na organização genital. Apontam-se dentre as suas características fundamentais a desmedida ambição e a vaidade, características essas, igualmente associadas à uretralidade feminina (Weissmann, 1967, p. 74).

Este percurso pela *caracteriologia psicanalítica* rende a Weissmann uma série de reflexões. Podemos ilustrá-las com os comentários acerca de pessoas que tentam saber de tudo um pouco, ao afirmar que “na sequência trifásica da caracteriologia psicanalítica o sabe-tudo pode enquadrar-se no terceiro estágio, conhecido por fase



fálica” (Weissmann, 1967, p. 73). Vemos ainda a discussão e o paralelo traçado sobre os suicídios de Hitler e do escritor Stefan Zweig, acerca de suas personalidades orais:

Hitler e Zweig se nos apresentam como personalidades nitidamente narcísicas e orais, embora em níveis culturais e graus de sublimação diferentes. Tanto o “Führer” como o escritor conquistaram as massas pela magia verbal. Hitler e Zweig suicidaram-se por via oral, ingerindo veneno (Weissmann, 1967, p. 23).

Este é o universo de coordenadas que torna possível a Karl Weissmann a construção de uma verdadeira categorização de tipos de crime a partir das fases pré-genitais, lidas por ele na psicanálise. Como ele mesmo afirma: “Em psicanálise nos habituamos a vincular a criminalidade aos chamados níveis pré-genitais, níveis êsses que marcam a sequência trifásica na evolução da libido. Daí falamos em crimes orais, anais e fálico-uretrais” (Weissmann, 1967, p. 127).

Das três fases, vemos uma primazia do que o autor define como fase anal. Mesmo apontando o que seriam os componentes da fase oral em certas categorias de crimes – sendo este o tipo de criminoso no qual “vigora a lei do tudo ou nada” (Weissmann, 1967, p. 127) -, ou os traços fálicos em indivíduos vingativos, perfeccionistas e vaidosos, não deixa de ser patente sua predileção pela segunda da sequência trifásica do desenvolvimento da libido: “Os componentes neuróticos anais da personalidade vinculam-se praticamente a todas as modalidades de comportamento delinquente. A analidade está na própria etiologia da criminalidade. O ânus é a sede anatômica de impulsos de morte” (Weissmann, 1967, p. 127).

Concluindo, podemos reconhecer a importância dada por Weissmann ao período nomeado por ele de pré-genital, quanto às condições do crime. Os conflitos oriundos desse desenvolvimento, sobretudo os relacionados ao que o autor chama de *fase anal*, estariam definidos como as fontes da criminalidade, por ser o principal período no qual se originam os problemas com a lei. De tais problemas, ele afirma que o indivíduo comete o crime mais visando a punição do que outra tipo de benefício: “Tornou-se ponto pacífico na criminalística psicanalítica que para o delinquente neurótico a pena constitui o móvel inconsciente do crime e que a ação penal, longe de corrigi-lo socialmente, apenas favorece o jogo das suas tendências masoquísticas inconscientes” (Weissmann, 1967, p. 125).

Como podemos observar, nosso autor se manteve fiel à tradição herdada pela leitura da psicanálise no Brasil dos anos 1930, tendo proposto uma série de avanços sem, no entanto, operar uma ruptura significativa. Assim, se podemos vislumbrar em seus trabalhos tardios uma extensão das suas discussões a respeito dos ideais de



maturidade, ou do papel dos sistemas socioeconômicos sobre a subjetividade¹⁰, o que ele chama de *sequência trifásica da caracteriologia psicanalítica*, marcada pelo desenvolvimento da libido por etapas infantis, se mantém como chave de leitura e horizonte das suas discussões por todo o seu percurso.

Essa perspectiva apresenta fortes efeitos políticos, já que desvincula a criminalidade de componentes materiais, para colocá-la no terreno psicológico do desenvolvimento infantil. Um das consequências políticas de se colocar a criminalidade neste terreno também é a dissolução de limites claros entre a personalidade *normal* e aquela propensa aos crimes. Tal dissolução é narrada por Weissmann (1967):

O que impede ou torna tão difícil o estudar objetivamente o criminoso – o homem do dia, o homem a ser estudado – é esse fascínio por tudo que se refere a crimes e criminosos, e o fato de termos muito em comum com os delinquentes, não obstante a nossa impressão de sermos tão diferentes deles. Isso faz lembrar uma charge do clássico do humorismo alemão, Wilhelm Busch, que nos mostra um indivíduo com a expressão da mais cândida convicção de superioridade moral, a exclamar: “Oh” Como me sinto feliz. Pois graças a Deus, não sou assim (p. 121).

Podemos vislumbrar, aqui, Weissmann tecendo uma clara aproximação entre as condições que levam ao crime e o que conduziria à maturidade. A base desta aproximação é justamente sua leitura da sequência do desenvolvimento da libido, como percurso necessário para a formação da personalidade de todos os indivíduos. Deste desenvolvimento é que Weissmann aponta como determinante para a criminalidade a fixação em alguma das fases pré-genitais. Entre *delinquente* e *enfermo*, a diferença se dilui radicalmente, visto reconhecer o crime justamente como consequência de certo infantilismo por parte de quem o pratica, também presente em outras formas de sofrer:

Sabemos que o crime neurótico não é uma satisfação direta das exigências instintivas. É um ato simbólico. Ato este que implica uma subordinação emocional aos pais. O neurótico, delinquente ou enfermo, é um indivíduo que não sobrepujou sua primitiva relação com os progenitores. Ao invés de viver no presente, vive no passado. E no passado infantil. É sempre uma criança. E, falando em termos de evolução libidinal, um pré-genital (Weissmann, 1967, p. 126).

Como consequência disto, ele coloca no terreno da educação uma grande responsabilidade, visto ser esta, segundo ele, a base do desenvolvimento saudável da infância, que deveria ocorrer sem grandes frustrações para que se gerasse um adulto

¹⁰ Que podemos observar, mesmo que timidamente, em *A conquista da maturidade* (Weissmann, 1961).



maduro. Mais do que isso, a psicanálise emerge como ferramenta de suma importância no tratamento daqueles que, tendo apresentado problemas no curso deste mesmo desenvolvimento, acabam apresentando uma personalidade compatível com o terreno da criminalidade.

Tais reflexões, difundidas em uma série de textos publicados por Weissmann, o alçaram ao lugar de referência no terreno da articulação entre psicanálise e criminologia, em nosso país. E é ocupando esse lugar que Karl Weissmann é contratado como psicanalista da Penitenciária de Ribeirão das Neves, por parte do Estado de Minas Gerais, no ano de 1953. Afinal de contas, a concepção de que os atos infracionais eram cometidos em decorrência de problemas no desenvolvimento da libido certamente pavimentou o caminho para intervenções junto a detentos a partir da psicanálise.

Seu trabalho na penitenciária pode ser resumido como tendo sido sustentado pela psicanálise, com a qual ele se propunha a analisar sonhos e sintomas, bem como a discutir com os detentos os elementos da sua personalidade responsáveis pelos crimes: "A análise já mostrara a alguns que à raiz do seu comportamento delituoso encontrava-se o conflito de Édipo: o ódio ao pai e a fixação erótica infantil à pessoa materna" (Weissmann, 1967 p. 141). Ou, como ele mesmo afirma, em outro momento: "A minha tarefa consistia, entre outras, em neutralizar as tendências e manifestações sadomasoquistas, sabendo que a pena, ainda a mais humana, constituía o móvel inconsciente do crime" (Jorge, 1984, p. 174).

Tais são os fundamentos de seu trabalho na penitenciária, visando recuperar detentos por via da psicanálise, reconhecendo neles mais homens pacatos do que perigosos (Weissmann, 1953, 19 de abril). Observamos como esse trabalho rendeu a Weissmann um grande reconhecimento, de modo que ele apresentava sua articulação entre psicanálise e criminologia em "Faculdades de Direito de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Fortaleza e em Seminários Psicanalíticos do Rio de Janeiro, do grupo do Dr. Werner Kemper" (Weissmann, 1967, p. 121). Weissmann trabalhou na Penitenciária de Neves até o ano de 1959, quando se mudou para o Rio de Janeiro, para continuar sua carreira e seus trabalhos como psicanalista na capital fluminense.

Considerações finais

Após o percurso realizado ao longo deste artigo, tecemos aqui algumas considerações relacionadas à trajetória de Karl Weissmann, assim como às condições históricas e aos efeitos políticos de seu trabalho. Salta aos olhos, desde o início da investigação relacionada a este autor, o surpreendente desconhecimento relacionado



ao seu nome e sua obra no campo da história da psicanálise no Brasil, a despeito da fecundidade de seus trabalhos e da criatividade de suas ideias.

Tendo publicado, ainda nos anos 1930, um livro discutindo psicanálise e vida financeira, vemos Weissmann se manter aliado ao que se pensava e praticava como psicanálise à época. Se hoje podemos pensar tal leitura como datada, não podemos deixar de assinalar a pertinência e originalidade das teses defendidas por ele em *O dinheiro na vida erótica*, com relação às condições históricas nas quais o livro foi pensado e escrito. Afinal de contas, partir da psicanálise para defender um modelo de maturidade baseado em uma lógica masculina, heterossexual e abastada, o inscreve justamente no conjunto de estratégias conduzidas pelos psicanalistas no esforço de articulação do seu saber às coordenadas políticas da *Era Vargas*. Visando a unidade do povo brasileiro, tal ideário político pôde encontrar na psicanálise um modelo compatível com o que era pensado como um adulto saudável e integrado socialmente: “a maturidade é o estado em que a criatura é realista e socialmente integrada ao máximo” (Weissmann, 1961, p. 29). Lembramos que o segundo golpe de Estado operado por Vargas se deu no ano de 1937, marcando o início do que se conhece por Estado Novo, mesmo ano em que Weissmann publicou seu livro. Assim, vale assinalar a pertinência e a atualidade das suas teses em um projeto mais amplo, o que de fato pode ser responsável pelo crescente sucesso alcançado por Weissmann no país.

Com efeito, reconhecer a inscrição de Weissmann na estratégia dos psicanalistas ao longo da *Era Vargas*, no sentido de tornar o saber psicanalítico palatável e útil à política do período, o coloca no interior do universo ligado ao campo da educação e do desenvolvimento infantil. É no interior dessa discussão que devemos pensar suas indicações relacionadas às formas de se educar uma criança visando um desenvolvimento normal das fases da libido, como quando ele afirma que “a natureza teimosa e agressiva da criança tende a desafiar o meio ambiente neste período em que se faz mister administrar de um modo cuidadoso, a educação relativa ao asseio para que as tendências possam evoluir normalmente” (Weissmann, 1937, p. 62). Nessa direção, uma boa educação da higiene seria fundamental para um desenvolvimento saudável, evitando gerar adultos com o que ele chama de *personalidade anal*, a exemplo de enfermos neuróticos, delinquentes ou mulheres que buscavam riqueza pelo trabalho.

Pudemos ver, também, como a partir de suas teses sobre a importância de uma boa educação na infância, Weissmann extraiu uma série de reflexões relacionadas à criminologia. Demonstrando atualidade em discutir uma temática que ganhava cada vez mais espaço em diversos países, ele buscou articular o que diagnosticava como problemas no desenvolvimento da libido, marcando formas específicas de personalidade, com elementos definidos da criminalidade. Assim é que ele se faz



reconhecido, em diversos locais, por sua contribuição à *criminologia psicanalítica*, por meio de suas teses sobre a relação entre delinquência e neuroses, lendo o fenômeno do crime a partir do desenvolvimento infantil e seus efeitos sobre o adulto.

Como assinalamos, tal articulação apresentou efeitos de longo alcance quanto à questão da etiologia da delinquência. A partir dessa definição, baseada em sua leitura da obra freudiana, o fenômeno do crime seria derivado de problemas no desenvolvimento infantil. Diante disso, Weissmann deixa clara a importância dada por ele ao campo da educação. Afinal, se no crime poderiam ser destacadas as marcas e os traços das fases do desenvolvimento infantil, no que ele chama de *caracteriologia psicanalítica*, é justamente sobre a infância que deve incidir o cuidado e a prevenção, evitando a geração de adultos neuróticos e delinquentes.

Diante de tais articulações, lembramos que o alcance das ideias de Weissmann sobre o assunto o conduziu ao cargo de psicanalista de uma penitenciária nos anos 1950, primeira contratação do gênero no país. Daí, além de trabalhar visando recuperar detentos, Weissmann extraiu uma série de reflexões que foram publicadas ou apresentadas por ele em diversas universidades do país, ou mesmo no grupo de psicanálise conduzido por Werner Kemper, a despeito de nunca ter se formado em Medicina, ou se filiado a nenhuma instituição de formação psicanalítica.

Sua não filiação, sua formação autônoma, pode ser um dos possíveis fatores do desconhecimento da sua obra, no campo da história da psicanálise no Brasil. Conforme nos lembra Oliveira (2006), durante décadas a história da psicanálise foi objeto de interesse apenas de instituições psicanalíticas, que traziam o percurso de seus fundadores em destaque. Apenas a partir dos anos 1980 que a história da psicanálise pôde ganhar um fôlego acadêmico, sendo lida e trabalhada em uma perspectiva historiográfica mais ampla. Assim, é relativamente recente o interesse pela história da psicanálise que não parta de dentro das instituições psicanalíticas – o que certamente torna possível estudar personagens que se mantiveram fora de grupos institucionalizados.

Outro motivo que vale lembrar é que Weissmann, tendo trabalhado por várias décadas no estado de Minas Gerais, se manteve fora dos estudos da história da psicanálise, estes normalmente focados em São Paulo, Rio de Janeiro, e Porto Alegre. Apenas em uma pesquisa recente (Santos, 2016), da qual este trabalho é derivado, é que pudemos nos deparar com referências mais amplas ao trabalho de Karl Weissmann no estado de Minas Gerais, tornando possível o levantamento de fontes e a reflexão acerca do trabalho específico deste psicanalista austríaco que cresceu e morou no Brasil durante toda a vida.

Vale assinalar que seus trabalhos não se mantiveram restritos aos campos da criminologia e da educação. Lembramos que Karl Weissmann é reconhecido também



como introdutor do hipnotismo científico no Brasil, tendo sido o responsável pela difusão dessa prática em teatros e mesmo pela televisão, tendo por isso sido alçado à condição de celebridade popular nos anos 1950¹¹. Lembramos ainda suas publicações a favor de uma intervenção militar em 1964, para defender o país do que ele chamou de *perigo comunista*, considerado por ele grave enfermidade psíquica e sinal de imaturidade (Weissmann, 1964).

Traçar o percurso de um determinado autor, reconhecer a inscrição de suas teses nos debates que a psicanálise atravessou, bem como extrair os efeitos políticos derivados de seus posicionamentos, nos parece um caminho fecundo para seguir adiante em nossa investigação.

Referências

- Alexander, F. & Staub, H. (1934). *Le criminel et ses juges*. Paris: Gallimard.
- Almeida, M. G. A. A. (1998). Estado Novo: projeto pedagógico e a construção do saber. *Revista Brasileira de História*, 18(36), 137-160. [dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000200008](https://doi.org/10.1590/S0102-01881998000200008)
- Antipoff, H. W. & Assumpção, Z. (2002). Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte e algumas sugestões pedagógicas. Em R. H. F. Campos (Org.). *Helena Antipoff: textos escolhidos* (pp. 133-160). São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília: Conselho Federal de Psicologia. (Original publicado em 1930).
- Brasil (1934). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Autor.
- Bomeny, H. M. B. (1999). Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. Em D. Pandolfi (Org.). *Repensando o Estado Novo* (pp. 137-166). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Correio da Manhã. (1953, 24 de março). Psicanalista na penitenciária de Neves. *Correio da Manhã*, 4.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.
- Facchinetti, C. & Castro, R. D. (2015). The historiography of psychoanalysis in Brazil: the case of Rio de Janeiro. *Dynamis*, 35(1), 13-34.

¹¹ Como Weissmann (1958) deixa claro, sua perspectiva da hipnose era derivada de conceitos psicanalíticos, como inconsciente e sugestão.



- Facchinetti, C. & Ponte, C. (2003). De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psychê*, 7(11), 59-83. Recuperado em 15 de janeiro, 2018, de www.redalyc.org/articulo.oa?id=30701105
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do Ego. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1922).
- Freud, S. (1996). Mal-estar na civilização. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1929).
- Gallo, R. (2015). *Freud in Mexico: into de wilds of psychoanalysis*. Cambridge: MIT.
- Gomes, A. C. (1999). Ideologia e trabalho no Estado Novo. Em D. Pandolfi (Org). *Repensando o Estado Novo* (pp. 53-72). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Guimaraes, R. M. (2014). Um compromisso de origem: Minas cada vez mais mineira. Em E. Parreiras (Org.). *O gigante do ar: a história da Radio Inconfidência narrada por Ricardo Parreiras e convidados* (pp. 29-43). Belo Horizonte: Rádio Inconfidência.
- Jorge, M. A. C. (1984). Entrevista com Karl Weissmann. *Revirão Revista da Prática Freudiana*, 2, 160-176.
- Jorge, M. A. C. (1985). Entrevista com Gastão Pereira da Silva. *Revirão Revista da Prática Freudiana*, 1, 139-149.
- Lacan, J. (1987). *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade* (A. Menezes, M. A. C. Jorge & P. M. Silveira Jr., Trad.s). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1932).
- Marcondes, S. R. A. (2015). *Nós, os charlatões: Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em O Malho (1936-1944)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ.
- Marinho, J. Z. S. (2017). *"Manter sadia a criança sã": as políticas públicas de saúde materno-infantil no Piauí de 1930 a 1945*. Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.
- Mezan, R. (2015). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.



- Nunes, S. A. (1988). Da medicina social à psicanálise. Em J. Birman (Org.). *Percursos na história da psicanálise* (pp. 61-122). Rio de Janeiro: Taurus.
- Oliveira, C. L. M. V. (2002). Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. *Ágora*, 5(1), 133-154. [dx.doi.org/10.1590/S1516-14982002000100010](https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100010)
- Oliveira, C. L. M. V. (2006). *História da psicanálise: São Paulo (1920-1969)*. São Paulo: Escuta.
- Oliveira, C. L. M. V. (2012). Psychoanalysis in Brazil during Vargas' time. Em J. Damousi & M. Plotkin (Org.s). *Psychoanalysis and politics* (pp. 113-133). New York: Oxford.
- Pereira, A. R. (1999). A criança no Estado Novo: uma leitura de longa duração. *Revista Brasileira de História*, 19(38), pp. 165-198. [dx.doi.org/10.1590/S0102-01881999000200008](https://doi.org/10.1590/S0102-01881999000200008)
- Porto-Carrero, J. P. (1932). *Criminologia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Flores & Mano.
- Ramos, A. (1937). *Loucura e crime: questões de psiquiatria, medicina forense e psicologia social*. Porto Alegre: Globo.
- Ribeiro, L. (2010). Ciência homossexualismo e endocrinologia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(3), 498-511. (Original publicado em 1935).
- Roudinesco, E. (1995). *Genealogias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Santos, R. A. N. (2016). *A história da Psicanálise em Minas Gerais: dos primeiros tempos à institucionalização (1925-1963)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG.
- Santos, R. A. N. & Mandelbaum, B. P. H. (2017). A psicanálise e seus pioneiros no Brasil: notas sobre o "vigoroso psicanalista" Karl Weissmann. *Analytica*, 6(11), 34-68. Recuperado em 17 de janeiro, 2018, de seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/2659/1758
- Silva, G. P. (1937). Prefácio. Em K. Weissmann. *O dinheiro na vida erótica* (pp. 7-32). Rio de Janeiro: Brasília.
- Silva, G. P. (1978). *25 anos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Apperj.
- Vilhena, C. P. S. (1992). A família na doutrina social da igreja e na política social do Estado Novo. *Psicologia Usp*, 3(1-2), 45-57. Recuperado em 22 de janeiro, 2018,



de pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100005

- Weissmann, K. (1937). *O dinheiro na vida erótica*. Rio de Janeiro: Brasília.
- Weissmann, K. (1952). A base anal da criminalidade. *Acaiaca*, 36, 28-33.
- Weissmann, K. (1953, 19 de abril). Nossos delinquentes são quase todos homens pacatos. *Correio da manhã*, primeiro caderno.
- Weissmann, K. (1958). *O hipnotismo: psicologia, técnica e aplicação*. Rio de Janeiro: Prado.
- Weissmann, K. (1961). *A conquista da maturidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Weissmann, K. (1964). *Masochismo e comunismo: contribuições para a patologia do pensamento político*. Rio de Janeiro: Martins
- Weissmann, K. (1967). *Psicanálise: ensaios e experiências*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.

Nota sobre os autores

Rodrigo Afonso Nogueira Santos é psicólogo, com graduação e mestrado em psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Atualmente é aluno de doutorado no Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP). E-mail: rodrigoafonsons@gmail.com

Belinda Piltcher Haber Mandelbaum é psicanalista e professora associada do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP, onde coordena o Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade. Autora de *Psicanálise da Família* (2a edição, 2010), *Trabalhos com famílias em Psicologia Social* (2014) e *Desemprego: uma abordagem psicossocial* (2017). Coordena atualmente o projeto "Psicanálise e contexto social no Brasil: fluxos transnacionais, impacto cultural e regime autoritário". E-mail: belmande@usp.br

Data de recebimento: 30/01/2018

Data de aceite: 23/07/2019